



Homilia no 1º dia da novena de São Domingos¹

Frei Luis-Ivan Mendes, OP²

Com esta Celebração Eucarística, damos início a mais uma novena em honra ao nosso padroeiro, São Domingos de Gusmão, modelo de vida apostólica para todos nós. E, neste ano, faremos isso de modo muito mais especial, ao recordarmos os 800 anos da morte de São Domingos.

Permitam-me, desde já, fazer uma correção nessa última expressão. Preferimos dizer 800 anos da Páscoa de São Domingos, ou seja, de sua passagem para a Vida (aqui, a Vida com V maiúsculo, que é o próprio Cristo). Em latim, há uma expressão mais litúrgica e teológica que expressa bem esta realidade: comemoramos os 800 anos do *'dies natalis'* de São Domingos, ou seja, o dia no qual ele “nasceu” para a vida eterna. Ao fazermos comemoração deste fato, não devemos ficar a contemplá-lo como meros espectadores, passivos e inertes: somos convidados também a caminhar, sempre em frente, deixando para trás as situações de morte, mergulhando cada vez mais no mistério daquele que é a verdadeira Vida.

Notem que na imagem de São Domingos que está junto ao coro seu gesto parece indicar essa realidade. Sua mão aponta para o céu, numa referência ao objetivo que deveríamos estar buscando. É como se ele (São Domingos) estivesse nos querendo dizer, aqui e agora: assim como eu fui para junto de Deus, assim também toda a vossa caminhada, todos os vossos esforços, todos os vossos sonhos, tudo aquilo que vós Almejais deve estar orientado para Aquele que é o único Caminho, a única Verdade, a única Vida (Jo 14,6).

Ouvimos bem na 1ª Leitura de hoje esta realidade de Páscoa, ou seja, de passagem, como um elemento essencial para o povo de Israel. “No dia catorze do primeiro mês, ao entardecer, é a Páscoa do Senhor” (Lv 23,5), em hebraico, *pessach*, passagem. Passagem da escravidão do Egito para a verdadeira liberdade de filhos de Deus. Por todos os séculos, cada judeu deveria considerar a saída do Egito como se fosse sua própria saída, sua própria libertação da *escravidão para a liberdade, da aflição para a alegria, do luto para a festa, das trevas para a luz, da servidão para a alforria*³, numa intervenção direta do próprio Senhor Deus, como ouvimos no Salmo: “Porque eu sou o teu Deus e teu Senhor, que da terra do Egito te arranquei.” (Sl 80,10a.11b)

Para o povo de Israel, celebrar a alegria da Páscoa é celebrar a passagem de uma condição de servidão sob o jugo tirano dos egípcios para o verdadeiro serviço ao Senhor Deus, na liberdade. Assim também o é para nós, cristãos. Nossa fé é fundamentalmente pascal, ou seja, está enraizada na Páscoa do Senhor Jesus. O bispo Melitão de Sardes, numa famosa homilia pascal, datada do século II, afirma que foi Nosso Senhor Jesus Cristo que, pela sua morte e ressurreição, “[...] nos fez passar da escravidão para a liberdade, das trevas para a luz, da morte para a vida, da tirania para o reino sem fim, e fez de nós um sacerdócio novo, um povo eleito para sempre. **Ele é a Páscoa da nossa salvação.**”⁴

E é nessa ótica que devemos celebrar os 800 anos da Páscoa de São Domingos. Ao contemplarmos suas atitudes, seu testemunho, vemos o quanto Nosso Apostólico Pai já vivia essa realidade de Vida Eterna no aqui e agora de seu tempo. Viver essa realidade de Páscoa no seu tempo era, para ele, ser constantemente impelido a uma “**renovada e vibrante pregação** do Evangelho”, bem

¹ Homília proferida no dia 30 de julho de 2021, a partir de Lv 23, 1.4-11.15-16.27.34b-37; Sl 80,3-4. 5-6ab. 10-11ab (R.2a); Mt 13, 54-58, na Igreja São Domingos, em Uberaba, MG.

² Noviço dominicano.

³ Palavras do ritual de Introdução ao Hallel (Sl 113-118), lido pelos judeus na festa da *Pessach*. AVRIL, A.-C.; LA MAISONNEUVE, D. *As festas judaicas*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 44.

⁴ *Da Homilia sobre a Páscoa*, de Melitão de Sardes, bispo. Retirada da Liturgia das Horas.



como (ser impelido) a “**um testemunho convincente** (...) à santidade na comunhão viva da Igreja”.⁵ Era por ter uma vida movida por esse desejo do Alto que, com os pés no chão, saía pelos caminhos a pregar, de forma renovada e vibrante, não apenas com suas palavras, mas com um testemunho convincente, que levava as pessoas a se libertarem de seus pecados e entrarem “na liberdade da glória dos filhos de Deus” (Rm 8,21).

E para mim, e para você, hoje, o que deve significar celebrar os 800 anos da Páscoa de São Domingos? Que atitudes concretas essa celebração deve trazer para nossa vida, nossa realidade? Repito aqui as duas expressões já citadas: **pregação renovada e vibrante; testemunho convincente**. Será que eu tenho a ousadia de pregar a Boa Nova do Reino de Deus de forma vibrante, sempre nova, ou fico apegado aos meus esquemas confortáveis, com medo, me sentindo incapaz de fazê-lo? Será que essa pandemia me levou a um estado de comodismo, de não querer ajudar os demais, de não mais falar de Deus, ou me levou a buscar uma nova forma de levar esse Evangelho àqueles e àquelas que necessitam? E quanto ao testemunho? Será que eu tomo consciência, em meu dia-a-dia, de que devo ser um *alter Christus*, ou seja, um outro Cristo para as pessoas? Na minha empresa, na universidade, no hospital, na minha família, com meu marido/esposa e filhos, será que estou dando um real e autêntico testemunho de vida cristã, comprometido(a) com os valores evangélicos, que convença e faça arder os corações dos outros⁶?

É claro que este caminho de pregação e testemunho não pode ser trilhado sozinho. Devemos trilhá-lo juntos, em comunhão. Nossa vocação de pregar a Palavra de Deus, oportuna e inoportunamente (2 Tm 4,2), nos deve impelir à unidade, à partilha deste projeto comum. Isso explica o tema de nossa novena, que também é o tema proposto pela Ordem Dominicana para a celebração do Jubileu dos 800 anos da Páscoa de São Domingos: **À mesa com São Domingos**. Cito, *ipsis litteris*, as palavras do Mestre da Ordem, Frei Gerard Timoner, OP, em sua carta à Família Dominicana sobre a preparação do Jubileu de 2021:

“Celebraremos a São Domingos não como um santo que se encontra apenas em um pedestal, mas como um santo que disfruta da comunhão junto à mesa com seus irmãos, reunidos pela mesma vocação de pregar a Palavra de Deus e compartilhar o dom de Deus da comida e da bebida.”⁷

Vocês podem ver muito bem daqui que a nossa imagem de São Domingos está num alto pedestal. Convido-vos – metaforicamente, é claro – a “tirar São Domingos do pedestal” e levá-lo para a sua mesa, para a sua casa. O que quero dizer com isso? Quero dizer, caros irmãos e irmãs, que devemos celebrar São Domingos como alguém próximo a nós, como alguém que partilha de nossas dores e sofrimentos, que se compadece de nossas angústias, que está junto de cada um de nós neste caminho de pregação, que nos move com seu testemunho. Arranquemos São Domingos do século XIII e coloquemo-lo aqui, no século XXI, em plena pandemia, e compartilhemos com ele nossos sorrisos e choros, nossas alegrias e tristezas, nossas conquistas e nossas derrotas, nosso luto e nosso júbilo.

São Domingos era, antes de fundar a Ordem dos Pregadores, cônego no cabido de clérigos da Catedral de Osma. Ou seja, era o equivalente a um padre diocesano que morava em comunidade com outros padres junto à Catedral. Tinha tudo para seguir uma carreira eclesiástica, tornar-se bispo ou quem sabe até cardeal. Mas não: preferiu deixar tudo isso para trás para viver a radicalidade do Evangelho, sendo chamado “apenas” de Frei Domingos. A palavra “Frei” vem do latim, *frater*, que significa **irmão**.

⁵ PAPA FRANCISCO, *Carta pelo VIII Centenário da morte de São Domingos*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/letters/2021/documents/papa-francesco_20210524_lettera-centenario-sandomenico.html. Os grifos em negrito são meus.

⁶ “Não ardia o nosso coração quando ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?” (Lc 24,32).

⁷ TIMONER III, Fr. Gerard, OP. *Carta a la familia dominicana sobre la preparación del Jubileo de 2021*. Disponível em: <https://www.op.org/a-la-familia-dominicana-sobre-la-preparacion-del-jubileo-de-2021/?lang=es>. Tradução pelo autor desta homilia.



Ele era o simples irmão Domingos. E hoje, continua sendo o simples irmão Domingos, irmão meu, seu, irmão nosso. Estar à mesa com São Domingos é, portanto, **reconhecê-lo como nosso irmão**.

A representação mais antiga que temos de São Domingos – e que inspira o tema do Jubileu – é a *Tavola della Mascarella*, pintada entre 1235-1240 por um autor desconhecido e assim chamada por estar conservada na Igreja de *Santa Maria della Mascarella* de Bolonha, na Itália. Nesta pintura, vemos São Domingos junto a seus irmãos diante de uma mesa com pães e diversos objetos como pratos, facas, jarras e copos de vinho. É interessante notar que justamente a primeira representação de São Domingos não é a de um grande milagre seu, ou dele como uma figura isolada: ele está junto de seus frades, seus irmãos, disfrutando daquele momento de comunhão, fortalecendo os laços de fraternidade que os unem.

Que bela lição esta cena nos traz! Quantas famílias perderam a tradição de sentar-se à mesa para as refeições, de fazer comunhão, de partilhar como foi o seu dia, no trabalho, na escola, na empresa, na universidade... Com o advento das mídias digitais e das redes sociais, chegamos ao cúmulo de ter que usar o *Whatsapp* para falar com alguém que está ao nosso lado. As redes sociais, com sua promessa de derrubar fronteiras, acabaram por, muitas vezes, transformar-nos em ilhas isoladas. O único isolamento que deveria ser seguido à risca nesses tempos é o distanciamento imposto pelas normas sanitárias! Estar à mesa com São Domingos é, portanto, nadar contra essa corrente: enquanto as estruturas sociais nos pedem para sermos independentes, São Domingos nos convida a sentarmos juntos à mesa da unidade e da comunhão, como irmãos, como iguais, partilhando juntos da mesma fé e da mesma vocação de pregadores do Evangelho, principalmente pelo testemunho.

No entanto, não se pode estar à mesa de qualquer forma, sem preparação. Estar à mesa é um ritual que pressupõe alguma coisa. Antes de comer, por exemplo, nós (pelo menos deveríamos) rezar, orar. Agradecer ao Senhor pelos dons que Ele generosamente nos concede pelo alimento que vamos ter. Para se fazer comunhão, para estar junto à mesa da partilha, é necessário oração. Há 800 anos, São Domingos tem nos ensinado como, a partir da oração, podemos construir comunhão. O Beato Jordão da Saxônia, sucessor de São Domingos no governo da Ordem, nos conta uma característica muito forte do temperamento de nosso padroeiro. Como segue: “Durante o dia, com os frades ou com os companheiros, ninguém mais simples, ninguém mais alegre. Durante a noite, ninguém mais constante nas vigílias e nas orações.”⁸ E tais orações eram carregadas de uma grande força expressiva, com lágrimas, exclamações e gestos. Não era apenas a mente e os lábios que se moviam: todo o corpo de São Domingos entrava nessa dinâmica orante.

Ao longo desses nove dias de preparação para o dia de São Domingos, vocês irão conhecer uma bela tradição dominicana, datada da metade ou do final do século XIII⁹, que apresenta as chamadas **nove maneiras de rezar de São Domingos**, que revelam “a intimidade de São Domingos com Deus na oração”¹⁰. São nove gestos que São Domingos utilizava em suas longas conversas com Deus, e que vão nos servir de inspiração em nossa prática de oração.

A primeira dessas nove maneiras, que hoje vos apresentarei, era a inclinação profunda diante do altar. São Domingos se prostrava “humildemente (...) diante do altar, como se Jesus Cristo, representado por este altar, nele estivesse real e pessoalmente presente. [...] Ensinava os frades a proceder do mesmo modo cada vez que passassem diante de um crucifixo, sinal da humilhação de Jesus Cristo; a fim de que,

⁸ Beato JORDÃO DA SAXÔNIA, *Opúsculo sobre as Origens da Ordem dos Pregadores*, n. 105.

⁹ O Fr. Simon Tugwell, OP, coloca a data do manuscrito sobre as nove maneiras de rezar de São Domingos **por volta de 1280**, escrito por um dominicano da província da Lombardia, segundo AUBIN, Catherine. *Orar con el cuerpo a la manera de Santo Domingo*. Salamanca: Editorial San Esteban, 2017, p. 18. No entanto, o Fr. Sérgio Lobo de Moura, OP, na introdução geral ao texto em português das nove maneiras de rezar de São Domingos, escreve que “O mais antigo manuscrito que dele nos ficou data do início do século XIV, sendo muito provável que se baseie em versões mais antigas, que remontariam à **metade do século XIII**.” Fica então essa imprecisão quanto à data do manuscrito supracitado.

¹⁰ AUBIN, Catherine. *Orar con el cuerpo a la manera de Santo Domingo*. Salamanca: Editorial San Esteban, 2017, p. 18.



humilhado tão profundamente como o fora por nosso amor, ele nos visse também humilhados diante de sua majestade. [...] Este modo de se inclinar profundamente era o ponto de partida de suas devoções.”¹¹

Assim como o Verbo Eterno, o Filho de Deus, humilha-se, fazendo-se homem para nos elevar a Deus, São Domingos se humilha diante do altar, inclinando-se profundamente. A palavra-chave desta atitude de São Domingos é a humildade, que, para além de uma mera atitude física, deve ser expressão de uma disposição interior fundamental. É pelo orgulho que perdemos a nossa amizade com Deus, por querermos fazer a nossa vontade; logo, é a humildade que fará com que retomemos nossa íntima relação com o Senhor. A humildade, ou seja, o reconhecimento de nossa pequenez diante da grandeza e do poder de Deus, é a base de toda e qualquer oração: ela nos coloca em nosso justo lugar diante de Deus, como filhos que esperam e confiam inteiramente no seu Pai. “Começar com humildade é uma maneira de reconhecermos que Deus é o primeiro, que é a origem e o princípio de todas as coisas. Ele mesmo foi humilde: humilhou-se por amor. A humildade, portanto, além de abrir-nos a Deus, faz com que sejamos revestidos de Cristo, o Deus humilhado. São Domingos escolhe a humilhação/inclinação profunda para manifestar, através de um sinal visível, seu desejo de ser um outro Cristo”¹², de todo o seu coração.

E é só assim, pela escada da humildade, que poderemos sair de nossas bolhas de autossuficiência para podermos reconhecer que não somos o centro do Universo. Só assim poderemos reconhecer Deus também nos demais. Só assim poderemos reconhecer que só existe um “Eu” quando também existe um “Tu”, um “Outro”. A humildade faz com que saíamos de nossa letargia, de nossa estagnação, de nosso comodismo, para reconhecer que precisamos uns dos outros! Para estar à mesa com São Domingos, portanto, faz-se necessário despojarmo-nos de nossas seguranças e, reconhecendo-nos humildes, estarmos dispostos a criar comunhão, como irmãos do mesmo Deus e Pai de todos. Caros irmãos e irmãs, só poderemos levar à plenitude nossa vocação, que é a de impregnar nossa realidade do amor de Cristo, se reconhecermos que devemos estar unidos nesse caminho. Como cantou certa vez um famoso compositor brasileiro: “*Sonho que se sonha só / É só um sonho que se sonha só / Mas sonho que se sonha junto é realidade.*”¹³

Diante da Santíssima Virgem Maria, Senhora do Rosário, colocamos o bom êxito desta novena em preparação à Solenidade de São Domingos. Ela é Mãe e Mestra, um modelo de oração e humildade para cada um de nós. Ela não se deixou engrandecer por nada deste mundo, não deixou que o seu coração fosse tomado pelo orgulho, pelo sentimento de grandeza, pelas exaltações e os louvores humanos; pelo contrário, no silêncio da oração, seguiu humildemente os passos de seu Filho Jesus. Ao contemplarmos seu exemplo, somos convidados a entrar na sua escola de oração e humildade. Nós te chamamos de bendita, ó Mãe, porque o Senhor olhou para a tua humildade! (cf. Lc 1,48). Que nós possamos, junto com a Virgem Maria, Senhora do Rosário, e com nosso padroeiro, São Domingos, proclamar como no refrão do Salmo de hoje: “Exultai no Senhor, nossa força!” (Sl 80,2a)

¹¹ *As nove maneiras de rezar de São Domingos, 1º Modo (A Inclinação Profunda).*

¹² AUBIN, *Ibid.*, p. 49.

¹³ Raul SEIXAS, *Prelúdio.*